

Entrevista com Ricardo Lísias

Bruna Tella GUERRA¹

Ricardo Lísias, nascido em 1975, é um autor que começou a escrever no final da década de 1990 – quando lançou *Cobertor de Estrelas* – e que continua na ativa. Desde o seu primeiro livro, ao menos mais uma dezena foi lançada, envolvendo romances, contos e também literatura infantil. Entre os que se destacam, é possível citar *O livro dos mandarins*, *O céu dos suicidas*, *Divórcio*, a série digital *Delegado Tobias* e *Concentração e outros contos*. Acredito que – com alguma ressalva – Lísias possa se enquadrar naquilo que Daniel Link afirma a respeito de Ricardo Piglia: "*El escritor posmoderno ejemplar es un profesor que además publica novelas. Sujeto que sostiene la tensión de un doble discurso, un doble registro, un límite, y que encuentra en esa tensión la forma de seguir pensando la literatura.*". É a partir de constatação semelhante que começo a entrevista abaixo, para depois tratar de temas recorrentes em sua obra, livros que obtiveram sucesso, sobre o papel do escritor na sociedade e também a respeito da recente polêmica envolvendo um dos *ebooks* que compõem a série *Delegado Tobias*. Vamos a ela.

1) Ricardo, não pretendo encaminhar esta entrevista tocando em assuntos pessoais, no entanto, para começar, perguntarei algo que tangencia sua vida pessoal e que é de interesse para pensarmos sua obra. Vamos lá: você se formou em Letras, tem Mestrado e Doutorado relativos à Literatura. Considerando isso, qual a importância de seu vínculo acadêmico – sobretudo na área das Letras – na construção de seus romances e contos?

Na verdade, nesse momento faço uma pesquisa de pós-doutorado que considero, por assim dizer, a minha profissão. Ou seja, de fato minha atividade profissional está ligada à universidade. É um trabalho que me satisfaz e no geral me sinto bem com ele. Há também a vantagem de ajudar na criação, já que estou sempre às voltas com livros e ideias que merecem algum tipo de consideração. Vou dar um exemplo: traduzi há algumas semanas um ensaio de Fredric Jameson que se refere, até onde posso resumi-lo, a objetos estéticos (e manifestações sociais, econômicas, políticas etc) que existem em um certo intervalo de tempo e depois se perdem. Depois que terminei esse trabalho, não consigo deixar de pensar em como aplicá-lo na ficção. Ou seja, tudo tem certa ligação e, assim, o tempo que dedico às minhas atividades profissionais acadêmicas sempre retornam na criação. Eu gostaria apenas que a criação fosse mais considerada pelo “meio acadêmico” – não obviamente a minha: digo, a criação de maneira geral.

¹ Doutoranda em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

2) O autor chileno Roberto Bolaño, pelo qual você demonstra ter admiração, costumava tratar jocosamente a academia estudiosa da Literatura e que é responsável, muitas vezes, pela recepção positiva ou negativa de muitos textos literários. Qual é a sua relação com a academia no que diz respeito à recepção de seus livros? Em que medida você poderia ter um pensamento afim ao de Bolaño?

Acho que Roberto Bolaño se incomodava com pessoas que tendem a se institucionalizar e achar que detém algum tipo de poder. Na universidade é possível achar esse tipo com certa facilidade. Como porém é um chão muito largo, encontra-se de tudo um pouco. Há por exemplo atualmente o professor agitador oficial, aquele que se institucionaliza se dizendo contra as instituições. Por outro lado, e de maneira mais ampla, tanto a universidade como o próprio ambiente da educação no Brasil não têm exatamente poder, o que torna o local em certa medida mais livre. Como eu disse, talvez o mais importante seja o tamanho: como é muito amplo, acha-se todo tipo de gente. Encontro por exemplo as pessoas mais bem preparadas para falar de literatura no interior da universidade. Existe, mas é mais difícil encontrar fora da universidade alguém que esteja bem aparelhado para falar de literatura com alguma propriedade. Eu já encontrei, mas é um pouco mais difícil.

Só para completar: acho que Bolaño tinha problemas de fato com as instituições e com as falsas subversões, o oficialismo que tenta se travestir de contestação fácil e sem riscos, que aliás são muito presentes hoje em dia. Nisso, eu e ele concordamos integralmente. Também, como ele, desconfio de pessoas que detenham algum tipo de poder oficial. Intelectuais em cargos políticos, por exemplo, me deixam muito desconfiado.

3) Em muitos de seus *posts* de *Facebook*, já vi críticas a uma espécie de "chapa-branquismo" da Literatura Brasileira. Você poderia falar um pouco mais a esse respeito?

Talvez a idade esteja domando meus momentos de irritação, ou estou de fato me acostumando ao furacão. Mas do que posso me lembrar, acho que em alguns momentos externalizei o mesmo espanto que Roberto Bolaño tinha da literatura oficializada. Mas não levo exatamente a sério o que eu digo fora de uma obra de criação. Redes sociais, por exemplo, não comportam inúmeras revisões, o que significa que não têm total representatividade na maneira com que concebo as coisas.

4) Tenho acompanhado o autor cubano contemporâneo Leonardo Padura, e dele já vi sendo cobrado – algumas vezes – um compromisso social enquanto escritor. E você, o que acredita que deva ser a relação de um escritor e a sociedade?

Acho que cada autor deve assumir a posição que sua consciência peça, como aliás qualquer outro cidadão. A questão se dá na obra: o que terá um lugar relevante (ou na maior parte das vezes não ocupará lugar algum...) é a criação, o autor é um cidadão como outro qualquer. Muitos são convidados a falar em público, mas não vejo por que exigir nada desse momento, já que para mim ainda é a obra o que deve importar. Repare que quando a literatura foi de fato subversiva (abalou as instituições), isso se deu com as criações literárias. O autor não importa. Ou melhor, só se ele também fizer parte da criação, mas dentro da criação. O que importa inclusive para a intervenção política é a criação.

5) Agora gostaria de fazer certas perguntas a respeito de sua obra. Quero começar pelo seu projeto literário: em muitos de seus textos existem referências fortes ao corpo, abordando principalmente um desconforto físico, como o Paulo d' *O Livro dos Mandarins*, que sente uma dor crônica nas costas, o Damião, do conto "Concentração", cujo incômodo reside na nuca, e, por fim, o Ricardo Lísias, do *Divórcio*, que perde sua pele e sofre com isso. Qual o significado dessa constante referência ao corpo?

Talvez haja uma tentativa muito forte de aproximar o leitor do narrador e das personagens. Eu ao menos sinto um pouco isso em vários momentos dos textos. Por outro lado, admito que para mim tem ficado cada vez mais difícil discutir o que escrevo. Li vários textos sobre o meu trabalho ultimamente – acho que era inevitável fazer isso – e agora acabei um pouco enredado por eles. Vou dar um exemplo: há um texto, não me lembro qual, que nota a presença da casa e do abrigo em muito do que escrevi. Sem dúvida é verdade, mas eu nunca tinha notado. A presença do jogo, eu obviamente percebi, mas não a da casa... Então algumas coisas vão ficando meio enigmáticas para mim. Tenho um projeto sobre o qual reflito e também me debruço. É o que me serve como base. Eu nunca pensei em uma figura como “corpo” (como eu disse, “casa” muito menos), mas sempre no narrador. Talvez seja isso, ou ao menos é essa a hipótese que consigo construir agora.

6) Sei de seu interesse pela psicanálise e, em relação a isso: por que a escolha pela construção de personagens traumatizados?

Acho que a psicanálise é de fato um dos terrenos mais férteis e um dos vocabulários mais ricos do século XX. Faz parte do meu horizonte de interesses justamente porque circunda o momento que abriga a literatura que mais me interessa, do ponto de vista da criação formal: a primeira metade do século XX. Então para mim é um vocabulário importante. Além de tudo, o trauma me parece definidor do nosso tempo. Quem não está traumatizado não é normal...

7) Seu romance *Divórcio* é um texto que, como você costuma dizer, nunca para. Ao que se deve esse sucesso literário?

Não sei. É um livro que atrai muita atenção, amor, ódio, comentários, interpretações, boatos e um entulho impressionantes. Talvez ele tenha dito alguma coisa relevante para o mundo contemporâneo, mas não é minha função tentar descobrir qual. No começo, a repercussão (sobretudo a imensa quantidade de fofoca que sufocou o texto com a intenção de despolitizá-lo) me incomodava, mas hoje acho que já consegui superá-la. O livro está entregue para o leitor.

8) Qual o romance ou conto que você escreveu e de que mais gosta? Por quê?

É o *Divórcio*, mas gostaria de manter os motivos para mim.

9) Não poderia deixar de tocar num assunto de praxe em relação à sua obra: ficção e realidade. Não bastasse toda a confusão que muitos se envolvem ao falarem de uma suposta autoficção em seus textos, nos últimos dias você foi envolvido num mal-entendido completo em relação ao seu *e-book Delegado Tobias*. Gostaria que você comentasse um pouco o caso e dissesse se você acredita que esse acontecimento seja sintomático de nossa sociedade.

É uma pergunta muito ampla, por isso vou optar por responder a parte sobre o *ebook Delegado Tobias*. A ideia inicial era tratar de fofoca, um assunto muito contemporâneo e que me atingiu particularmente depois da publicação do meu romance *Divórcio*. Até professores universitários de “universidades renomadas” fizeram fofoca sobre o livro, aliás até ensaios baseados em fofoca foram publicados! Para isso, criei uma história auxiliar que consistia em decisões jurídicas criadas por mim. A história foi contada no *ebook* e em uma rede social. Ocorre que a partir de denúncias até o presente momento sigilosas, um assessor de imprensa da Procuradoria Geral da República não notou que se tratava de obra de ficção e denunciou-me por falsificação de documento! Depois, a própria Procuradoria fez uma investigação muito parcial, não observou os 5 volumes do *Delegado Tobias* à disposição nas lojas virtuais e também não percebeu que se tratava de ficção...

Enfim, meu depoimento foi tomado semana passada. O delegado parece ter notado a confusão, mas pediu a apresentação de novas alegações e a convocação de testemunhas. O que tudo isso revela: que eu pretendia tratar de fofoca e acertei outro alvo: as instituições jurídicas nacionais. Tenho muito a concluir: 1. O clima contemporâneo de denunciismo; 2. A total rapidez e descaso com que se pediu a abertura do inquérito; 3. O ambiente de repressão a qualquer ato mais fora do comum; 4. A mão pesada e irracional das instituições brasileiras; 5. Um ambiente de total descontrole travestido de organização e estado de direito.

10) Agora, uma pergunta complicada: o que é um bom escritor? E um mau?

Um bom escritor é um artista relevante, o autor de uma obra que conseguiu intervir de maneira forte e possivelmente em muitos espaços. Não sei como medir isso, mas tenho uma fórmula um pouco mais simples, embora aí seja bem mais pessoal: um bom escritor é o autor de um livro que consigo ler até o final. O mau escritor é o contrário.

11) E, para finalizar, algo mais "brando": o que você anda lendo?

Estou lendo um livro sobre a ocultação de documentos durante a ditadura militar: *Lugar nenhum*, de Lucas Figueiredo.